



ARTIGO

Mudanças e permanências na organização retórica do gênero resenha acadêmica

Changes and continuities in the rhetorical organization of the academic review genre

Jorge Luis Queiroz Carvalho

jorgecarvalho@uern.br

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, RN, Brasil

Aurea Zavam

aurea@ufc.br

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil

Resumo

O objetivo maior deste trabalho é analisar os movimentos retóricos presentes em resenhas publicadas em revistas acadêmicas entre 1953 e 2020. A análise diacrônica abrange um período de 67 anos, dividido em três fases geracionais: a) 1953-1970; b) 1971-2000; e c) 2001-2020. A divisão foi delineada com base nos parâmetros metodológicos propostos pelo paradigma das Tradições Discursivas. Cada fase consiste em 15 textos, totalizando 45 amostras coletadas de periódicos científicos brasileiros das áreas de Letras e Linguística. Os resultados identificaram quatro movimentos retóricos presentes nas resenhas: introdução ao livro, resumo do conteúdo, avaliação do livro e emissão de uma opinião final. Atreladas a esses movimentos, foram identificadas subunidades retóricas que revelaram distanciamento ao apontado por pesquisas anteriores. Os quatro movimentos, subdivididos em 16 subunidades retóricas, revelaram frequência e formas de atualização distintas, o que demonstrou variações em cada fase geracional, flagrando, assim, a constante tensão entre mudança e permanência do gênero.

Palavras-chave

Tradições Discursivas. Análise de Gênero. Resenha Acadêmica.

Abstract

The main aim of this work is to analyse the rhetorical movements present published in academic reviews between 1953 and 2020. The diachronic analysis covers a period of 67 years, divided into three generational phases: a) 1953-1970; b) 1971-2000; and c) 2001-2020. The division was based on the methodological parameters proposed by the Discursive Traditions paradigm. Each phase consists of 15 texts, totalling 45 samples collected from Brazilian scientific journals in the fields of Literature and Linguistics. The results identified four rhetorical movements present in the reviews: introducing the book, summarising the content, evaluating the book and issuing a final opinion. Linked to these movements, rhetorical sub-units were identified that revealed a departure from previous research. The four movements, subdivided into 16 rhetorical subunits, revealed different frequencies and forms of updating, which demonstrated variations in each generational phase, thus highlighting the constant tension between change and perma-

Linguagem em Foco

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 07/10/2024

Aprovação do trabalho: 28/05/2025

Publicação do trabalho: 04/07/2025



10.46230/lef.v17i2.14182

COMO CITAR

CARVALHO, Jorge Luis Queiroz; ZAVAM, Aurea. Mudanças e permanências na organização retórica do gênero resenha acadêmica. *Revista Linguagem em Foco*, v.17, n.2, 2025. p. 170-203. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagemfoco/article/view/14182>.

Distribuído sob



Verificado com



170

nence of the genre.

Keywords

Discursive Traditions. Genre Analysis. Academic Review.

Introduzindo o estudo

A resenha acadêmica é um gênero relevante para sua esfera na medida em que objetiva influenciar a comunidade acadêmica para aceitar o livro como de leitura válida, ou não (Araújo, 1996). Desse modo, trata-se de um texto que apresenta um paradoxo entre deter pouca expressividade, uma vez que raramente é citado como referência em artigos e/ou livros, e, ao mesmo tempo, carregar o poder persuasivo de influenciar membros especialistas e iniciantes a realizar (ou não) a leitura de determinadas produções intelectuais. Essa característica nos chamou atenção pelo fato de que, embora atualmente haja gêneros de maior prestígio na academia, as resenhas ainda ocupam um lugar de destaque. Isso se constata por observarmos que nenhum outro tipo de texto acadêmico apresenta funções sociais semelhantes e/ou competitivas similares as da resenha .

Diante dessas considerações, o objetivo geral deste trabalho é, pois, apresentar resultados da análise de vestígios de mudança e de permanência no gênero resenha acadêmica em exemplares produzidos entre os séculos XX e XXI por meio da descrição de sua estrutura composicional. Com base neste objetivo, procuramos responder à questão central da pesquisa: Quais elementos fazem parte da estrutura composicional do gênero resenha acadêmica entre os séculos XX e XXI?

Desse modo, por considerarmos que os gêneros estão a todo tempo na tensão entre o convencional e o inovador, esperamos que uma análise considerando o início de sua circulação possa mostrar em que medida os gêneros mantêm seus traços distintivos e apresentam novos arranjos. No caso específico desse trabalho, esperamos que as perspectivas teóricas que ancoram nossa análise contribuam para que possamos conhecer os modos de organização, os objetivos e as funções sociais que as resenhas acadêmicas apresentavam em suas primeiras manifestações em paralelo com seus traços atuais. Tomando posse desses conhecimentos, também acreditamos que as características contemporâneas desse gênero poderão ser mais bem compreendidas, na medida em que o estudo revela que as unidades constitutivas desses textos não são aleatórias, mas sim motivadas historicamente.

1 Convocando os pressupostos teóricos

A fim de atingirmos nosso objetivo, buscamos respaldar nossa investigação no modelo para análise da organização retórica dos gêneros CARS (**C**reate **A** **R**esearch **S**pace), concebido por Swales (1990), e no paradigma teórico das Tradições Discursivas (TD), desenvolvido no âmbito da Filologia Pragmática Alemã, com base em Coseriu (1980), sobre os quais passamos a falar, ainda que resumidamente.

Partindo da análise de diferentes exemplares de introduções de artigos de pesquisa de diferentes áreas, Swales chegou a três movimentos retóricos: 1) Estabelecer um território; 2) Estabelecer um nicho; e 3) Ocupar o nicho. Cada um desses três movimentos comporta subdivisões que o autor chama de passos. Destacamos que nem todos os movimentos retóricos e os passos estiveram presentes nas introduções de artigos de pesquisa pelo linguista estadunidense analisados. Tendo em vista que o autor considera os gêneros como produtos que oscilam entre a permanência e a flexibilidade, o modelo CARS consiste em um modelo descritivo, e não prescritivo, que deu origem a uma série de outros estudos, da esfera acadêmica ou não, acerca da estrutura composicional dos gêneros. Acreditamos que o modelo de Swales (1990) possibilita identificar, de maneira mais evidente, como a composição do gênero (não somente sua parte introdutória) revela finalidades comunicativas dos oradores diante de seus receptores.

No que se refere aos gêneros acadêmicos, o modelo CARS foi o pioneiro de vários estudos, entre os quais destacamos como pertinentes para este trabalho os esquemas de organização retórica de resenhas acadêmicas propostos a partir das análises como a de Motta-Roth (1995), que propõe que esse gênero está disposto a partir de quatro movimentos: 1) Introduzir o livro; 2) Sumarizar o livro; 3) Destacar partes; e 4) Prover uma avaliação final. O estudo da autora possibilitou a identificação de 11 subfunções retóricas que facultam a realização de cada um desses move.

Araújo (1996), estudando o mesmo gênero, destacou três movimentos: 1) Estabelecer o campo; 2) Sumariar o conteúdo e 3) Prover uma avaliação final do livro. Esses movimentos se realizam através de 12 estratégias retóricas que apresentam alguns pontos de contato com os resultados encontrados por Motta-Roth (1995).

A análise de resenhas acadêmicas operada por Bezerra (2001) levou à conceção de um modelo com quatro unidades retóricas: 1) Introduzir a obra; 2) Su-

mariar a obra; 3) Criticar a obra e 4) Concluir a análise da obra. Essas unidades retóricas se materializam composicionalmente por meio de 13 subunidades que dialogam com os resultados dos trabalhos anteriores. Os achados desses estudos, aliás, serão úteis para esta pesquisa por apresentarem tanto pontos de convergência quanto de divergência e possibilitarem acirrar o debate acerca da organização retórica das resenhas.

Destaca-se que os autores citados utilizam termos diferentes para se referir ao que Swales (1990) chama de *passos*. Motta-Roth (1995), por exemplo, utiliza o *termo subfunção* baseando-se na concepção de que o termo *passos* remete à ideia de etapas ordenadas e, portanto, caracterizá-los como subfunções implica dizer que eles, não necessariamente, aparecem em uma ordem pré-estabelecida. Araújo (1996), por sua vez, adota o termo *estratégias* por acreditar que essas unidades menores são ações utilizadas pelo orador para atingir determinados objetivos no interior dos movimentos retóricos.

Consideramos que as duas concepções são pertinentes e válidas e que as unidades de hierarquia menor tanto cumprem funções (Motta-Roth, 1995) quando expressam estratégias retóricas (Araújo, 1996) do produtor do gênero. Para não reduzirmos nossa compreensão a uma visão unilateral, seguiremos o termo *subunidade* empregado por Bezerra (2001) por acreditarmos que assim podemos contemplar as duas perspectivas destacadas pelas autoras. Além dessa terminologia, optamos por substituir a noção de *Movimento Retórico por Unidade Retórica*, com vistas a uniformizar nossa nomenclatura acerca dos componentes da configuração genérica das resenhas de acordo com a classificação utilizada por esse autor. Desse modo, em nosso estudo, balizamos os elementos composticionais prototípicos das resenhas acadêmicas, procurando identificar as unidades e subunidades retóricas das resenhas.

Voltando seu olhar investigativo para aspectos concernentes à historicidade dos textos, o paradigma das tradições discursivas, embora relativamente recente, remonta a uma série de proposições que vêm sendo elaboradas desde os anos de 1980 no âmbito da Filologia Pragmática Alemã e nos possibilitam estudar como os gêneros se transformam e se estabelecem ao longo de suas várias sincronias.

O conceito de TD, portanto, remete tanto ao arcabouço epistemológico que fundamenta os estudos sobre as mudanças e permanências dos textos quanto ao próprio objeto de investigação deste paradigma. Como objeto de estudo, a noção de TD também é multilateral. Por um lado, entende-se que o gênero, em

si mesmo, é uma tradição, tendo em vista que se estabiliza através de convenções sociais recorrentes e historicamente motivadas. Por outro lado, podemos considerar que os traços constitutivos do gênero, como: conteúdo temático, estilo, composição, finalidades comunicativas, unidades fraseológicas cristalizadas e demais aspectos distintivos são igualmente tradicionais, pois também apresentam recorrências, isto é, repetições, que o caracterizam.

Uma tradição discursiva, portanto, pode ser encarada como uma noção ampla que abarca toda a produção discursiva de caráter recorrente e socialmente reconhecida. Nesse sentido, esse conceito abarca desde expressões idiomáticas até a noção de gêneros textuais. Coseriu (1980) entende que as diferentes línguas – ou tradições idiomáticas, mesmo apresentando diferenças internas, também mantêm traços de afinidade umas com as outras e, inclusive, com suas sincronias passadas. Coseriu (1979, p. 229) lembra que “a língua funciona sincronicamente e é constituída diacronicamente”. Por isso, podemos conceituar as tradições discursivas como estruturas *formulaicas* específicas que se relacionam a determinadas sincronias e que, semelhante à língua, consolidam-se ao mesmo tempo em que passam por transformações. Sob um outro ponto de vista, também podemos entender que os gêneros, por serem constantemente reproduzidos e formalizados são tradicionais e articulados aos diferentes níveis e domínios da linguagem.

Kabatek (2005) explica que, para que a comunicação seja efetivada em um dado momento, é necessário se expressar por meio de uma língua particular e por meio de tradições discursivas. Um exemplo a esse respeito é dado pelo autor através do enunciado *Bom dia*, que se configura como uma tradição discursiva estabelecida além das regras sintáticas da língua, uma vez que qualquer outro tipo de expressão, como por exemplo, *desejo-lhe um dia bom*, *emito uma saudação para você*, ou mesmo, *dia bom* são enunciados gramaticalmente possíveis, mas não fazem parte das tradições discursivas do português falado no Brasil.

Nesse sentido, o conceito de tradições discursivas remete à ideia de que os textos, da mesma forma que as línguas, também possuem um caráter tradicional, atendem a determinados propósitos e são indissociáveis da vida social.

2 Traçando o percurso metodológico

Para a realização deste estudo, compusemos um *corpus* de 45 resenhas acadêmicas da área de Letras e Linguística publicadas entre os anos de 1953 e 2020, cobrindo, portanto, um lapso temporal de 67 anos. Esse material foi dividi-

do em 3 blocos, com 15 textos para cada, tomando por base o modelo de divisão geracional empregado por Zavam (2009), que sugere, seguindo orientações do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB), que cada geração corresponde a um período de tempo equivalente a trinta anos. Desse modo, os dados da primeira geração (**Fase 1**) recobrem o contínuo de dezessete anos (**1953-1970**); no que concerne à segunda geração (**Fase 2**), conseguimos coletar dados que percorrem os trinta anos equivalentes a essa fase (**1971-2000**) e, por fim, a terceira geração (**Fase 3**) contempla as duas primeiras décadas já percorridas do século XXI (**2001-2020**)¹.

Optamos por coletar os textos produzidos a partir dos anos 50 do século passado por ser essa a década que marca a inauguração da publicação acadêmica periódica no Brasil voltada à referida área e que antecede a institucionalização da Linguística como disciplina acadêmica em nosso país (cf. Castilho, 1968).

Como meio de viabilizar a coleta, selecionamos textos publicados em periódicos cujo acervo estivesse disponibilizado em páginas da internet. A partir desses periódicos, elegemos exemplares que tratam de obras da Linguística, dado que esse campo se articula a nossa formação acadêmica e possibilita empreender uma análise do gênero desde o início de sua circulação em um campo do saber. Além disso, priorizamos textos produzidos por autores diferentes como forma de assegurar que os estilos individuais dos resenhistas não iriam interferir diretamente nos resultados, uma vez que nos interessamos em verificar as características constitutivas do gênero em si e não os elementos de natureza mais subjetiva.

Também precisamos especificar que coletamos textos que, não necessariamente, eram publicados em seções nomeadas de “Resenhas”. Isso se justifica na medida em que, em muitas edições antigas de periódicos, a seção que veiculava esse gênero não detinha uma nomeação explícita, sendo veiculado em tópicos intitulados: “Notas bibliográficas”, “Notas de bibliografia e crítica”, “Resensões” e, mais recentemente, “Resenhas”. Concebemos o material publicado nessas seções como antecessores diretos das resenhas, visto que encontramos neles características que hoje atribuímos a esse gênero, como, por exemplo, o

¹ Como os primeiros dados coletados datam do ano de 1953, a primeira geração de resenhas não contempla os doze primeiros anos do período geracional que, segundo a metodologia empregada nos estudos sobre TD, percorre os anos de 1941 e 1970. Processo semelhante acontece com os dados geração equivalente a 2001-2030, pois, como essa fase ainda se encontra em andamento, só coletamos os exemplares publicados até 2020.

fato de que apresentam, descrevem e/ou realizam avaliações da produção intelectual de pesquisadores da mencionada área.

Como meio de garantir que nosso *corpus* seria composto de exemplares produzidos no período estabelecido, coletamos os dados que estavam disponíveis em fontes confiáveis como os sites dos periódicos e a biblioteca digital SciELO. Assim sendo, selecionamos 2 revistas acadêmicas pioneiras que apresentam pelo menos uma seção destinada à publicação de resenhas, as revistas Letras (UFPR) e Alfa (UNESP), cujos primeiros números datam, respectivamente, dos anos de 1953 e 1962. Esses periódicos, precisamos mencionar, disponibilizam todo o seu arquivo *online* e serviram de fonte para coleta do *corpus*. Além dessas, outras 2. A revista Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada – D.E.L.T.A. (PUC-SP), que, embora tenha publicado o seu primeiro número em 1984, tornou acessíveis edições publicadas a partir de 1997. Como forma de ter mais representatividade, também coletamos textos daquelas de circulação mais recente que divulgam o seu conteúdo digitalizado desde o início de sua circulação. O periódico Filologia e Linguística Portuguesa – FLP (USP), por exemplo, tem disponibilizado seus números na internet desde 1997, ano inaugural de suas publicações.

Com o *corpus* coletado, procedemos a uma análise contrastiva, já que traçamos um paralelo entre os atributos de exemplares antigos e atuais de nosso objeto a fim de compararmos as características das três gerações de resenhas acadêmicas. Delineamos, então, a estrutura composicional do gênero ao longo das três fases geracionais estipuladas.

A análise partiu dos modelos de organização retórica de Motta-Roth (1995), Araújo (1996) e Bezerra (2001), buscando pontos de encontro convenientes e que se adequavam às especificidades das resenhas acadêmicas que tomamos como objeto investigativo. É preciso destacar que alguns dos elementos compostoriais que aqui analisamos não encontram equivalentes nos trabalhos desses autores e alguns outros sofreram adaptações de acordo com o que os dados deste estudo puderam revelar.

3 Sumariando e discutindo os resultados

A análise nos mostrou que a estrutura composicional dos exemplares abrange quatro unidades retóricas que expressam conteúdos, a saber:

Quadro 1 – Unidades retóricas das resenhas acadêmicas

- Unidade 1 – Introduzindo a obra
- Unidade 2 – Sumariando o conteúdo
- Unidade 3 – Avaliando a obra
- Unidade 4 – Provendo um parecer final

Fonte: Elaborado pelos autores.

A primeira unidade retórica, intitulada *Introduzindo a obra*, diz respeito ao conteúdo mobilizado nos parágrafos iniciais da resenha acadêmica. Os tópicos que a materializam se referem a informações sobre o assunto e a origem do livro resenhado, autores, a audiência pretendida e a área de pesquisa na qual ele está inserido. É importante deixar claro que essas informações representam uma ocasião propícia para o resenhista construir seu próprio espaço no ambiente acadêmico (Bezerra, 2001). Para tanto, o produtor do texto mobiliza algumas estratégias que o projetam como sujeito intelectualizado sobre o que acontece no cenário acadêmico, tais quais: sugerir familiaridade com o autor da obra, mostrar conhecimento acerca de outras publicações da área e indicar lacunas na linha de pesquisa para demarcar como o livro as preenche. Nosso estudo revela que a *Unidade 1* é a mais típica das resenhas acadêmicas, junto com a *Unidade 2*.

A segunda unidade retórica, *Sumariando o conteúdo*, normalmente expõe uma visão geral da organização da obra, os tópicos de cada capítulo, a metodologia de pesquisa adotada pelo autor, bem como oferece uma discussão sobre o conteúdo. Em algumas ocasiões, embora com menos frequência, os resenhistas se dedicam a discorrer sobre materiais que não são necessariamente concernentes ao conteúdo da publicação, versando sobre gráficos, índices, tabelas e bibliografia. Essa unidade detém um forte caráter descriptivo, embora esteja acompanhada dos posicionamentos do resenhista, e, em alguns casos, antecipa a avaliação da obra que adquire contornos mais claros a partir do terceiro componente desse gênero.

A terceira unidade retórica é o movimento no qual o resenhista demarca mais claramente suas posturas avaliativas por meio de uma análise direcionada a determinados pontos do texto ou de uma avaliação sobre o plano global da publicação. Em *Avaliando a obra* são destacadas algumas sugestões de aperfeiçoamento que têm por objetivo indicar aspectos que podem ser melhorados

ou revistos. Nem sempre as avaliações se concentram em críticas negativas, mas também em elogios, destaque dos pontos positivos e comparação com outras publicações. Embora não tenha sido tão frequente na primeira fase geracional, esse componente da estrutura genérica das resenhas acadêmicas apresenta alta frequência nas fases posteriores.

No que diz respeito à quarta unidade retórica, *Provendo um parecer final*, observamos o caráter prescritivo das resenhas acadêmicas, na medida em que fazem recomendações ou desqualificações da obra, designando se a leitura é válida ou não. Por outro lado, é preciso mencionar que ela nem sempre diz respeito a uma avaliação. Os resultados da primeira fase nos mostraram características peculiares desse elemento composicional, sobretudo se posta em contraste com as resenhas acadêmicas mais recentes. No início da circulação desse gênero, percebemos que eram veiculados votos de publicações futuras que sugeriam que os resenhistas se preocupavam em expressar cordialidade diante das críticas e/ou sugestões, revelando estratégias de polidez e preocupação com a produtividade desse campo de estudos.

Cada uma dessas unidades retóricas é composta por diferentes elementos composticionais de hierarquia menor, os quais denominamos, em consonância com os estudos de Biasi-Rodrigues (1998) e Bezerra (2001), de subunidades retóricas. No que diz respeito a esses componentes, apresentamos no Quadro 2 o padrão descritivo com todas as subunidades encontradas nas resenhas acadêmicas que fazem parte do *corpus* deste estudo:

Quadro 2 – Unidades e subunidades retóricas das resenhas acadêmicas

UNIDADE 1 – Introduzindo a obra Subunidade 1 – Fazendo generalizações sobre o tópico Subunidade 2 – Definindo o tópico geral da obra Subunidade 3 – Informando sobre a autoria Subunidade 4 – Indicando leitores em potencial Subunidade 5 – Informando sobre a origem Subunidade 6 – Inserindo o livro na área	e/ou e/ou e/ou e/ou e/ou
UNIDADE 2 – Sumariando o conteúdo Subunidade 7 – Descrevendo a organização geral do livro Subunidade 8 – Apresentando tópicos abordados na obra Subunidade 9 – Discutindo o conteúdo da obra Subunidade 10 – Descrevendo a metodologia Subunidade 11 – Citando material extratextual	e/ou e/ou e/ou e/ou
UNIDADE 3 – Avaliando a obra Subunidade 12 – Provendo avaliação geral Subunidade 13 – Provendo avaliação direcionada Subunidade 14 – Sugerindo aperfeiçoamento	
UNIDADE 4 – Provendo um parecer final Subunidade 15 – Recomendando/desqualificando o livro Subunidade 16 – Fazendo votos de publicações futuras	e/ou

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como podemos ver, as resenhas acadêmicas se atualizam por meio de diferentes componentes textuais que se agrupam nos quatro movimentos retóricos. Embora cada um desses componentes esteja numerado, é preciso deixar claro que eles não estão dispostos na materialidade das resenhas em uma sequência específica, e, portanto, a numeração é atribuída a cada subunidade como forma de distingui-las e não de ordená-las. Para demonstrar como cada uma se constitui, discutiremos, brevemente, sobre as quatro unidades.

4 Unidade 1 – Introduzindo a obra

Nessa primeira unidade, o resenhista mobiliza seis subunidades retóricas diferentes que apresentam vários tipos de informação. Esses seis elementos compostacionais que estabilizam a primeira unidade retórica das resenhas acadêmicas foram recorrentes nas três gerações e aparecem, principalmente, de forma combinada para informar acerca dos tópicos, dos autores, do público-alvo, da origem, bem como sobre a linha de pesquisa na qual o livro se insere. As subunidades retóricas dessa unidade contextualizam e introduzem a obra a partir de características típicas de cada fase geracional.

Em relação à *Subunidade 1 – Fazendo generalizações sobre o tópico*, o título é tomado de empréstimo de Swales (1990), que o concebeu como uma forma de introduzir o conteúdo de maneira neutra, ou seja, mobilizando conhecimentos gerais sobre assunto da publicação. Embora o autor tenha empregado esse termo ao analisar a organização retórica de artigos científicos, outros pesquisadores, ao investigarem as resenhas acadêmicas, adotaram essa mesma nomenclatura em seus trabalhos, seja para se referir às porções textuais que definem o assunto principal do livro (Araújo, 1996) seja para as subunidades que prestam informações além do escopo da obra resenhada (Motta-Roth, 1995; Bezerra, 2001).

A conceituação que damos a essa subunidade neste estudo se assemelha à perspectiva de Motta-Roth (1995) e Bezerra (2001). Identificamos esse componente retórico em mais da metade das resenhas acadêmicas da primeira geração, número equivalente a 8 textos dos 15 coletados para cada geração. Nas décadas posteriores, notamos uma diminuição na frequência desse item, tendo sido mobilizado em 6 resenhas tanto da segunda quanto da terceira fase geracional. Essa diminuição pode revelar um menor interesse por parte dos resenhistas em fornecer informações prévias sobre o livro resenhado a partir de 1971. Ao fazer generalizações sobre o tópico da obra, o resenhista preocupa-se em introduzir o livro por meio da exposição de informações gerais relacionadas ao escopo do livro.

(Exemplo 1)

De acordo com a tendência filológica do seu tempo e os seus próprios pendores pessoais, o velho mestre fizera a rigor uma gramática históri-co-comparativa mirandesa-portuguêsa [...]. O seu monumental trabalho foi um marco importantíssimo, tanto para o conhecimento do mirandês como para a consolidação daqueles cânones e método na filologia portu-

2 Codificamos o corpus nomeando e atribuindo a cada texto: a) a letra R, que indica Resenha; b) um

guêsa. (R06_1959² - Fase 1)

(Exemplo 2)

A obra de Julia Kristeva, cujo original intitula-se *Recherches pour une sémanalyse* encontra autorizada tradução de Lúcia Helena França Ferraz, tornando mais acessível ao leitor brasileiro a incursão num dos textos mais sérios da moderna crítica literária na Europa. (R17_1975 – Fase 2)

Tomando por base essas observações, convém repensar a suposta neutralidade que Swales (1990) atribui a essa subunidade. Ao que nos parece, a ação retórica de fazer generalizações sobre o tópico, sobretudo quando aparece acompanhada de adjetivos como o destacado no Exemplo 1, pode, entre outros critérios, assinalar a relevância da obra resenhada, indicar a importância do estudo e atribuir valor ao trabalho. Com essas ponderações, entendemos que essa subunidade, embora possa sugerir uma certa imparcialidade, evidencia percepções e posicionamentos do enunciador de forma bem-marcada.

Essa subunidade informa sobre as publicações acadêmicas da época, mostra lacunas e reflete sobre o caráter interdisciplinar desse campo do conhecimento. Conteúdos dessa natureza se mantiveram nas fases seguintes, sobretudo na segunda geração.

Além de evidenciar conhecimentos gerais relacionados ao entorno enunciativo, a *Unidade 1* é realizada por meio do artifício retórico de definir o conteúdo temático da publicação. Ao analisar o percurso diacrônico do gênero, detectamos que a *Subunidade 2* não sofreu grandes mudanças, mantendo uma frequência regular nas três gerações tendo em vista que, tanto na primeira quanto na segunda fase, ela foi constatada em 8 dos 15 exemplares (53%) coletados para esses períodos. Já na terceira geração, ela pôde ser identificada em 7 resenhas (46%), do material coletado entre 2000 e 2020, como mostram os exemplos a seguir.

(Exemplo 3)

Oficina de Lingüística Aplicada, como o sub-título nos informa, discute questões relativas à natureza social e educacional dos processos de ensino-aprendizagem de línguas. (R28_1998 – Fase 2)

(Exemplo 4)

numeral indicador da ordem em que a resenha foi publicada em relação aos demais textos; e c) o ano de publicação. Dessa maneira, “R06_1959” refere-se à sexta resenha acadêmica publicada dentre as que foram coletadas e “1959” indica o ano dessa publicação, já a “R45-2020”, por sua vez, indica a quadragésima quinta resenha coletada e o ano de publicação é 2020.

Já de saída, o livro deixa bem claro a que veio: divulgar uma das teorias e métodos de Análise do Discurso. (R35_2005 – Fase 3)

Esses fragmentos nos permitem averiguar que, mesmo sem a transposição literal das palavras do autor da obra – característica típica da primeira geração –, os resenhistas da segunda e da terceira fase buscam causar o efeito de autenticidade ao informar o tópico discursivo central da obra. Tal característica endossa a visão de que os resenhistas atualizam esse elemento composicional de maneira objetiva, procurando causar a impressão de que são imparciais e de que estão realmente se reportando à posição oficial do autor.

Introduzir o livro com base nas informações sobre seus autores é uma estratégia presente nas três gerações, embora se possa observar uma frequência decrescente durante cada uma delas. Na primeira fase geracional, a *Subunidade 3 – Informando sobre a autoria* se manifestou em 9 dos 15 dos exemplares (60%), enquanto na segunda geração em 8 exemplares (53%). Na terceira fase, os dados apontavam para a presença em 7 (46%) das resenhas acadêmicas que fazem parte do *corpus*. O paulatino declínio dessa subunidade pode ser interpretado como indicativo de uma possível diminuição de sua relevância social. Nesse caso, embora dê indícios de uma espécie de enfraquecimento, essa porção textual se manifesta como um traço de permanência, como evidenciam os exemplos seguintes.

(Exemplo 5)

Assinalamos entre os colaboradores dois professores da Universidade do Paraná, Mansur Guérios (Língua Portuguesa) e Pinheiro dos Reis (Filologia Romântica). Notável é a reunião de um grupo de lingüistas que se têm dedicado ao estudo dos (sic) idiomas indígenas: Lemos Barbosa, C. Drumond, J. Philipson, Paula Martins, Mansur Guérios, Plínio Ayrosa. (R01_1953 – Fase 1)

(Exemplo 6)

Seus autores são algumas das mais destacadas autoridades no assunto, tais como Robert Lado, Peter Strevens, Edward Anthony, J. Donald Bowen, S. Pit Corder, Wilga Rivers, Fe R. Dacanay, William F. Mackey, Earl Stevick, Wayne Harsh, Ronald Wardhaugh, David P. Harris, Maria Antonieta Alba Celani, F. Gomes de Matos, David De Camp, Alfred S. Hayes, Wallace E. Lambert, G. Richard Tucker e James W. Ney. (R15_1970 – Fase 1)

Nota-se que as informações sobre os produtores dessas publicações são textualizadas com vistas a enfatizar sua importância e prestígio. Essa subunidade retórica também se realiza por meio da referência a publicações anteriores e de

informações sobre as carreiras dos autores. No que concerne ao segundo e terceiro grupo geracional, notamos, junto com essas características, que os resenhistas normalmente informavam sobre os autores delineando a linha de pesquisa na qual eles desenvolviam seus trabalhos. Essa singularidade pode ter sido motivada pelas mudanças epistemológicas no quadro da Linguística que começaram a acontecer a partir do período que concerne à segunda geração, o que reforça a visão de que as mudanças na arquitetura do gênero refletem transformações no contexto sócio-histórico que o engendra.

No que diz respeito à regularidade da *Subunidade 4 – Indicando leitores em potencial*, notamos que ela se manifestou em 9 dos exemplares do primeiro grupo geracional (60%) e em 5 exemplares do segundo (33%). Tal declínio foi superado na terceira fase que apresentou uma tênue elevação se compararmos com a Fase 2, uma vez que constatamos a presença em 6 textos, somando um total de 40% das ocorrências. Sendo assim, a determinação do público-alvo da obra, a despeito dessa frequência oscilante, configura-se como uma tradição discursiva desse gênero textual nas três gerações.

(Exemplo 7)

Dizendo modestas as pretensões de seu livro, Gladstone Chaves de Melo destina-o “aos professôres de português que não puderam ter formação universitária” e aos “namorados da Filologia”. Entretanto, mesmo as pessoas especializadas nesses estudos poderão aí colher novas diretrizes para a orientação de seu ensino. (R03_1954 – Fase 1)

(Exemplo 8)

Por essa razão, o trabalho de Martin representa uma contribuição essencial para professores, alunos, pesquisadores e estudiosos em LSF - assim como para aqueles interessados em Linguística e em gramática, em sentido mais amplo - interessados tanto em aprofundar seus conhecimentos sobre os aspectos sistêmicos da teoria quanto em esboçar seus próprios modelos de sistemas de acordo com os fenômenos linguísticos que estudam. (R43_2014 – Fase 3)

A maior singularidade dos dados diz respeito à identificação de um caráter recursivo nessa subunidade da segunda geração em diante. Nesse caso, cumpre destacar que, nos exemplares da fase anterior, só encontramos indícios de manifestação da *Subunidade 4* nos parágrafos iniciais do gênero, como forma de cumprir a função de introduzir o livro. Na segunda geração, detectamos uma circularidade nessa porção textual, haja vista que, em 60% dos casos, tal porção manifestou-se no início do texto e, em 40% das ocorrências, ela apareceu nas der-

radeiras linhas das resenhas acadêmicas. O terceiro grupo geracional revela uma recursividade ainda maior, uma vez que, na metade dos textos, essa subunidade está materializada nas seções iniciais e, na outra metade, está disposta na seção final, mostrando um *continuum* no qual o processo retórico de abalizar o público-alvo das resenhas tem, cada vez mais, se movido do início para a conclusão do texto.

Pareceu-nos claro, ainda, que esse deslocamento tem a ver com a integração dessa subunidade com a *Unidade Retórica 4 – Prover uma análise final*, sobretudo no que diz respeito à *Subunidade 15 – Recomendação ou desqualificando o livro*. Nesse sentido, uma das mudanças em relação a essa subunidade diz respeito, além da frequência e do público-alvo para o qual o livro tem sido destinado, à amalgama entre a subunidade 3 e a subunidade 15, pois percebeu-se que, a partir da segunda geração, os livros passaram a ser recomendados não apenas como sugestão de leitura válida, mas por meio de orientação de para qual público aquele livro seria relevante, como iremos discorrer de forma mais detalhada posteriormente.

Em relação a *Subunidade 5 – Informando sobre a origem*, embora possa ser considerada uma subunidade pouco típica, já que aparece em menos da metade dos exemplares, as porções textuais que informam sobre a origem do livro foram registradas em 5 resenhas acadêmicas da primeira geração (33%), em 4 textos da segunda fase (26%) e em 5 da terceira (33%). Araújo (1996), quem primeiro definiu esse elemento composicional, o apresentou como um artifício retórico característico das resenhas acadêmicas que examinavam coletâneas. No entanto, em nossa análise, constatamos que as informações sobre a origem do livro são frequentes tanto em resenhas de obras que são assinadas por um único autor, quanto em trabalhos que reúnem artigos de vários pesquisadores.

Na primeira geração, por exemplo, essa subunidade esteve presente em 3 resenhas (60%) de livros de autoria única e em 2 exemplares (40%) que examinavam obras com a participação de diversos estudiosos. Já na segunda fase, as porções textuais dessa natureza que estavam atreladas à apreciação de coletâneas equivaliam a 50% dos casos. Na terceira geração, esse resgate histórico passou a ser atualizado, predominantemente, em obras que contavam com vários colaboradores, já que, em 60% dos casos, ou seja, em 3 textos, essa subunidade dizia respeito a publicações que reuniam artigos escritos por múltiplos pesquisadores, enquanto em 40% das vezes (2 exemplares) versou-se sobre a procedência de trabalhos individuais.

No que concerne às mudanças, verificamos, na segunda geração – período no qual a frequência dessa subunidade foi ainda menor – que, em metade das recorrências dessa subunidade retórica, a origem da obra foi apontada a partir da indicação de datas em que o público passou a ter acesso ao trabalho que é examinado pelo resenhista, como revelam os excertos 9 e 10:

(Exemplo 9)

Assumimos, não sem hesitação, a pouco fácil tarefa de resenhar a volumosa obra em epígrafe, tese de “Doutorado de Estado” defendida na Sorbonne em 13 de março de 1986 e aprovada com a nota máxima de três honorable (R25_1991 – Fase 2)

(Exemplo 10)

A coletânea compõe-se de traduções de textos publicados originalmente entre 1960 e 1980 por pesquisadores nas áreas de Antropologia, Lingüística e Sociologia. (R29_1999 – Fase 2)

A *Subunidade 6 – Inserindo o livro na área* se associa a uma intenção discursiva semelhante à das outras subunidades retóricas que versam sobre o contexto situacional. No entanto, a inserção do livro em uma área não diz respeito à exposição de conhecimentos gerais, como avistamos na *Subunidade 1*, nem a informações sobre a origem da publicação, característica da *Subunidade 5*. Na verdade, a sexta porção textual que delineamos configura-se como um modo de introduzir o livro a partir da descrição de como ele se articula a uma dada vertente dos estudos da linguagem. Esse movimento foi constatado em 8 exemplares das fases 1 e 2 (53%) das resenhas acadêmicas desses períodos. Contrariando a tendência das demais subunidades retóricas que compõem a Unidade 1, esse item da estrutura genérica apresentou uma elevação nos dados da terceira geração, aparecendo em 9 resenhas acadêmicas e perfazendo 60% dos exemplares. É importante salientar que ela se configura como a subunidade mais presente nos exemplares publicados entre os anos de 2000 e 2020, como constatamos a seguir.

(Exemplo 11)

A importância desse trabalho, no campo da Linguística Aplicada, pode ser atribuída ao fato de ser a primeira obra publicada no mercado editorial no Brasil a trazer atividades práticas e sistemáticas com o uso de corpora para o ensino da língua inglesa no contexto educacional brasileiro. (R44_2015 – Fase 3)

(Exemplo 12)

Português brasileiro. Uma viagem diacrônica (Roberts e Kato 1993) representou um grande avanço no âmbito da Linguística Histórica no Brasil porque reuniu trabalhos que discutiram as diferenças paramétricas que separam o PB3 do final do século XX do PB dos séculos XVIII-XIX e do PE atual. (R45_2020 – Fase 3)

Como podemos examinar, o foco está na descrição de como o livro inova em relação a trabalhos anteriores. Essa postura reforça a ideia de que o viés avaliativo do resenhista pode ser percebido em todas as unidades retóricas que compõem a estrutura composicional da resenha.

Podemos perceber que essa subunidade retórica possui uma carga avaliativa bem-marcada. Além disso, há uma ênfase em anunciar que a obra preenche lacunas no campo do conhecimento e apresenta inovações em relação a trabalhos anteriores. Nessa subunidade, portanto, observamos que o livro é inserido na área como forma de enfatizar sua importância e relevância nos estudos linguísticos.

Conhecendo todas as subunidades retóricas que realizam a Unidade 1, reiteramos que elas não seguem uma ordem específica e que aparecem de forma combinada ao longo do texto. Com exceção do caráter itinerante da *Subunidade 4 – Indicando leitores em potencial*, todas as demais partículas composticionais dessa unidade aparecem nos parágrafos iniciais do texto. Na maior parte dos casos, a introdução da obra é seguida pela descrição da obra, focalizando partes específicas ou a própria organização.

5 Unidade 2 – Sumariando o conteúdo

O modelo dessa unidade revela algumas especificidades em relação a protótipos anteriores, haja vista que consideramos que a *Subunidade 8 – Apresentando os tópicos da obra*, trata de um item diferente da *Subunidade 9 – Discutindo o conteúdo da obra*. Embora Motta-Roth (1995) não tenha proposto a discussão do livro como uma subfunção, e as particularidades das resenhas acadêmicas analisadas por Araújo (1996) e Bezerra (2001) tenham levado à conclusão de que a apresentação e a discussão funcionam conjuntamente, nomeando essa porção textual de “Apresentando/discutindo o conteúdo”, percebemos traços distintivos entre essas ações retóricas e as desmembramos em duas subunidades. O nosso *corpus* demonstrou, ainda, que a referência a aspectos metodológicos da publicação pode ser considerada como elemento composicional do gênero. Dos elementos já categorizados nos trabalhos mencionados, identificamos que

a citação de material extratextual esteve presente na diacronia das resenhas acadêmicas da área de Letras e Linguística.

A sumarização do conteúdo tem início, na maior parte dos casos, a partir da *Descrição da organização geral da obra*, nossa Subunidade 7 – outro item estrutural já previsto nos modelos citados. Essa característica pode ser considerada como prototípica desse gênero textual, com uma incidência em 8 dos exemplares (53%) da primeira geração, em 12 (73%) na segunda geração e em 10 (66%) na terceira fase. Essa recorrência mostra que esteve em mais da metade das resenhas acadêmicas coletadas, configurando-se como uma tradição discursiva prototípica.

(Exemplo 13)

São capítulos do livro (e com diversos sub-capítulos): Conteúdo e escopo da Lingüística; os fonemas ou unidades da fonação; sílaba e vocábulo fonético; as unidades significativas; os tipos de morfemas; o estudo das significações lingüísticas; a categoria de gênero; a categoria de aspecto; as vozes verbais; as espécies de vocábulos; a frase e sua estrutura; modalidades da frase; classificação das línguas para fins descritivos; classificação tipológica das línguas; conceito da evolução lingüística; a evolução fonética e suas causas; os aspectos da evolução fonética; as leis fonéticas; empréstimo e sua amplitude; aspectos lingüísticos e sociais do empréstimo. (R02_1954 – Fase 1)

(Exemplo 14)

A obra está dividida em quatro partes: Introdução, Estrutura da Dissertação e Tese, Orientação para a Redação de Trabalhos Científicos e Conclusão. (R21_1982 – Fase 2)

Confirma-se, assim, que a descrição da organização geral da obra e os modos de realizar essa descrição não manifestam mudanças evidentes na diacronia das resenhas acadêmicas. Com a finalidade de informar sobre a disposição do trabalho, o resenhista dá continuidade a essa ação retórica a partir da apresentação e/ou da discussão do conteúdo do livro, sendo essas características duas outras subunidades que se manifestam na materialidade desse gênero.

A Subunidade 8 – Apresentando os conteúdos abordados na obra trata de um elemento muito frequente, haja vista que foi constatada na maioria dos exemplares coletados. Sua recorrente mobilização na estrutura composicional do gênero, que pode ser encarada como um reflexo de sua relevância social, apresentou índices ascendentes, tendo sido verificada em 8 exemplares da primeira fase, (53%), em 9 textos da segunda (60%) e em 14 da terceira (93%), configuran-

do-se como um artifício retórico tradicional.

Os conteúdos que são sublinhados dizem respeito, principalmente, à descrição dos temas dos capítulos e à instrução de quais páginas versam sobre determinados conceitos que podem ser de interesse dos leitores em potencial. Ao constatarmos essas características, e diante das especificidades do nosso objeto de investigação, concebemos essa subunidade com um olhar diferente do qual outros estudiosos categorizaram a ação retórica de “apresentar partes da obra”. Por essa razão, optamos por nomear essa subunidade de um modo diferente do qual Motta-Roth (1995) o fez em seu estudo, já que classificou essa subfunção como “Apresentando o tópico de cada capítulo”. Em nossa análise, observamos que a descrição de partes específicas do texto nem sempre diz respeito à descrição dos tópicos dos capítulos, mas também de conceitos e de temas que não são distintos por meio da delimitação seccional.

Araújo (1996), numa visão semelhante à de Motta-Roth (1995), intitula a estratégia de se reportar ao conteúdo de partes do livro como “Apresentando/discutindo o conteúdo dos capítulos/seções”. Bezerra (2001, p. 90), ao analisar que nem sempre o conteúdo é descrito a partir da indicação dos capítulos, alunha o termo “Apresentando/discutindo o conteúdo” para se referir a uma subunidade “predominantemente descriptiva”.

É importante frisar que, nessas duas propostas, concebe-se que o processo de apresentação do conteúdo pode estar atrelado, ainda, a uma discussão sobre o assunto. No entanto, entendemos que a ação retórica de apontar as temáticas da obra possui especificidades diferentes da discussão sobre ela. Por essa razão, consideramos que esses processos podem ser classificados como duas subunidades retóricas diferentes. Desse modo, em nossa concepção, a apresentação dos tópicos exprime conteúdos de natureza descriptiva, enquanto a discussão transporta um caráter analítico e, em muitos casos, dá continuidade à descrição.

(Exemplo 15)

Neste estudo, focaliza inicialmente: o enunciado; os sintagmas; a lexia; a estrutura da palavra; o discurso linear para, enfim, chegar aos exemplos de análise sintática. (R16_1971 – Fase 2)

(Exemplo 16)

O capítulo 10, As construções condicionais universais proverbiais no Português do Brasil - quem desdenha quer comprar, Quem semeia vento coihe tempestade, de Izabel Teodolina de Jesus, investiga formações do tipo [Quem P, Q], base de muitos ditos populares no Português Brasileiro, os quais possuem alta produtividade. (R42_2012 – Fase 3)

A apresentação dos tópicos abordados na obra parece ter se consolidado na terceira geração, pois passou a ser veiculada em uma frequência ainda maior do que nas gerações anteriores.

Conforme adiantamos, consideramos que a estratégia de *discutir* difere do processo retórico de *apresentar* os tópicos da obra. Entendemos que o ato de discorrer está relacionado um olhar analítico mais aprofundado, na medida em que o resenhista expõe os pontos de vista, tece diferentes considerações, estabelece relações com outros estudos, exemplifica e didatiza o conteúdo. A distinção entre os dois elementos composicionais pode ser verificada, ainda, na frequência em que a *Subunidade 9 – Discutindo os conteúdos abordados na obra*, aparece: em 9, 13 e 14 exemplares, ou seja, se atualiza em 60% dos textos do primeiro grupo, 86% do segundo e em 93%, do terceiro. Esses números significam que a subunidade 8 apresentou um número de ocorrências inferior a subunidade 9 nas duas primeiras fases, atestando nossa percepção de que essas ações retóricas se estabelecem em dois movimentos e não apenas em um.

Consideramos que, aliado ao processo retórico descritivo, a *Subunidade 9* se atualiza através de reflexões e análises sobre a temática da obra e não demonstra diferenças evidentes em seus constituintes textual-discursivos. Uma das mudanças identificadas diz respeito à frequência nos três grupos geracionais, que mostra uma ascendência desse item composicional e pode indicar que sua relevância para a comunidade discursiva tem aumentado gradativamente. Os exemplos a seguir atestam nosso posicionamento.

(Exemplo 17)

Além do léxico, pela comparação das línguas românicas, seríamos capazes de reconstruir também a fonética e a morfologia do latim pré-romance. Na sintaxe, porém, semelhante reconstrução é naturalmente mais difícil. (R09_1961 – Fase 1)

(Exemplo 18)

O autor revela ainda que o sistema de registro digital seria então fornecido aos usuários junto com as fitas do corpus; esse é outro detalhe que salta aos olhos do leitor contemporâneo: o sistema de armazenamento original do corpus era em fita de computador. (R37_2007 – Fase 3)

A *Subunidade 10 – Referindo-se a aspectos metodológicos*, que não havia sido observada em estudos anteriores sobre resenhas acadêmicas, demonstra tendências oscilatórias, haja vista que esteve presente em quase metade dos exemplares da primeira geração, ou seja, em 7 textos, declinando, na segunda geração, para a presença em apenas 2 exemplares. Na terceira geração, o quadro

não revela mudanças em relação ao segundo período, tendo sido registrado em 3 únicos eventos. Em números percentuais, isso significa uma frequência de 46% dos casos, decaindo para 13% e 20%. Talvez por essa baixa incidência em exemplares publicados entre os anos de 1971 e 2015, os demais estudos sobre resenhas acadêmicas não consideraram a descrição da metodologia empregada na obra como uma subunidade retórica.

No entanto, consideramos pertinente incluir esse constituinte na estrutura composicional desse gênero por observamos uma considerável presença na primeira fase. Nessa geração, constatamos que a metodologia era dada a conhecer a partir da menção ao quadro teórico-metodológico de quais categorias desse paradigma são abordadas pelos autores:

(Exemplo 19)

Como Lüdtke, Herculano de Carvalho mantém-se exclusivamente nos quadros da escola fonológica européia, sem tomar conhecimento da fonética norte-americana, e não hesita, até, em aproveitar os conceitos acústicos de fonemas grave - agudo, mate - estridente, de Roman Jakobson. (R06_1959 – Fase 1)

(Exemplo 20)

Para chegar a esta reconstituição, aplicou o único método viável em semelhante pesquisa: o histórico-comparativo. [...] Partindo da concordança entre as Línguas Românicas, indutivamente, alcança o estágio anterior dessas línguas e obtém a confirmação dos resultados obtidos por meio dos textos de escritores, das informações dos gramáticos latinos e através da epigrafia latina. (R09_1961 – Fase 1)

Nas duas ocasiões em que essa subunidade foi veiculada na segunda geração, observamos a permanência no processo retórico de descrição dos métodos de procedimento e do quadro metodológico adotado. Percebeu-se, ainda, que a indicação do método de pesquisa utilizado por um dado autor que foi replicado pelo autor do livro resenhado:

(Exemplo 21)

O trabalho se situa, segundo as próprias palavras da A., dentro de um plano histórico-comparativo. [...]. No que se refere à metodologia, o trabalho, de natureza essencialmente estruturalista, não se afasta muito dos modelos tradicionais de descrição histórica dos fenômenos lingüísticos. Distingue-o o fato de se estender no tempo, não se fixando num determinado período como base de comparação. (R20_1981 – Fase 2)

No terceiro período geracional, essa subunidade foi atualizada dando ên-

fase a outros aspectos que se revelam a partir da exposição sobre qual é o *corpus* analisado pelo autor da obra. Além disso, verificamos que a metodologia passou a ser descrita de forma mais pontual, apresentando os aspectos metodológicos adotados em cada seção do livro:

(Exemplo 22)

Sob o enfoque da abordagem conhecida como Linguística Centrada no Uso (Usage-based Theory), Bybee busca explicar a essência da gramática, focalizando seu caráter variante e gradiente. Coerente com a postura teórica que adota, a autora baseia seus estudos em extensos corpora de língua falada e escrita, aplicando um conjunto consistente de hipóteses à fonologia, à morfossintaxe e à semântica. Além disso, incorpora a seus achados evidências advindas de experimentos com usuários da língua. (R43_2013 – Fase 3)

É preciso deixar claro que, embora se faça menção ao quadro teórico-metodológico, essa subunidade não cumpre a função de inserir a obra em uma área, pois não aponta lacunas, estado da arte ou como o livro pode contribuir para os estudos da linguagem. Ao se reportar a linha de estudos, o resenhista define aspectos da pesquisa na medida em que se adéquam a pressupostos teóricos e metodológicos que estão subjacentes a uma dada corrente de estudos. O foco desse elemento composicional, portanto, está na descrição dos métodos, procedimentos de análise, categorias e objetos de investigação abordados na obra.

A *Subunidade 11 – Citando material extratextual* é principalmente descritiva, embora, assim como as demais porções textuais desse gênero, possa estar atrelada a posturas avaliativas. Seus índices percentuais sugerem que ela se trata de um artifício retórico pouco típico, veiculada em menos da metade das resenhas acadêmicas. Verificamos sua ocorrência em 3 exemplares (20%) da primeira fase, 2 exemplares (13%) da segunda fase e em 4 exemplares (26%) da terceira. Essa subunidade foi catalogada, primeiramente, por Motta-Roth (1995) para se referir a partes da obra que eram mencionadas nas resenhas que não diziam respeito ao conteúdo principal do trabalho. Nesse caso, o material extratextual que é citado diz respeito, principalmente, a elementos pré-textuais, pós-textuais ou mesmo características físicas da obra que é apreciada pelo resenhista.

Em todas as gerações, essa subunidade esteve sinalizada a partir da exposição de qual característica extratextual o resenhista descrevia. Na primeira fase, por exemplo, os resenhistas discorriam sobre apêndices, prefácios, notas, quadros, gráficos e fórmulas sempre acompanhados de uma postura avaliativa:

(Exemplo 23)

As linhas gerais da obra estão delineadas no prefácio. [...]. Uma nota explicativa justifica essa subdivisão. Lamenta-se o autor de não poder ir além das generalidades, pois a sintaxe sempre foi tratada superficialmente, tanto nas gramáticas expositivas como nas históricas. (R09_1961 – Fase 1)

Essa descrição avaliativa não se mostrou usual na terceira fase, já que observamos essa característica em apenas um dos quatro exemplares em que a *Subunidade 9* esteve presente. Nesse período geracional (Fase 3), evidencia-se um foco mais descriptivo ao expor, de forma sintética, que tipo de conteúdo é veiculado em determinadas partes do livro:

(Exemplo 24)

Esses seis capítulos são complementados por dois apêndices. O primeiro com um glossário dos termos utilizados no livro e o segundo com as convenções sistêmicas para a notação dos sistemas. (R44_2014 – Fase 3)

Com esse exemplo evidenciamos que os resenhistas se preocupam em descrever características mais específicas do que aquelas concernentes ao corpo principal da publicação. Os dados de nossa pesquisa certificam que, mais do que delinear partes extratextuais do livro, conforme já apontado por outros estudos, essa subunidade manifesta posturas axiológicas ao atribuir propriedades positivas ao conjunto da obra. Como temos mostrado ao longo desta análise, posicionamentos avaliativos estão presentes em todas as unidades retóricas desse gênero. No entanto, compreendemos que a avaliação também aparece como um recurso centralizado, que revela a subjetividade do resenhista.

6 Unidade 3 – Avaliando a obra

Com menos subunidades que as anteriores, a *Unidade 3 – Avaliando a obra* diz respeito a uma análise crítica do livro que se atualiza com base em comentários avaliativos sobre o conjunto da obra e sobre partes específicas, bem como a partir de sugestões para o melhoramento da publicação. Nesse movimento, os pontos de vista dos resenhistas se manifestam em uma, ou mais de uma, das três subunidades retóricas que distinguimos no Quadro 2.

Concordamos com Bezerra (2001) que a mudança da descrição do conteúdo, típica da *Unidade 2*, para a crítica da obra é significativa o suficiente para demarcar a entrada de uma Unidade Retórica referente à avaliação. Entre as subunidades previstas por esse autor, está a de “Avaliar positiva/negativamente”,

em que o resenhista aprecia o texto da publicação como um todo e/ou determinados aspectos do trabalho. O modelo Motta-Roth (1995), por sua vez, propõe a subfunção “Provendo uma avaliação direcionada”, concernente às críticas que se endereçam a partes específicas da obra. Os exemplos fornecidos pela autora, no entanto, assinalam que a avaliação também pode recair na estrutura global do livro e não apenas em partes focalizadas. Os achados de nosso estudo corroboram com a visão de que a avaliação pode acontecer em duas direções e, por isso, as distinguimos em duas subunidades.

A *Subunidade 12 – Provendo avaliação geral da obra* se refere às ocasiões em que o resenhista delimita o plano global da publicação como foco avaliativo. Estudos anteriores sobre resenhas acadêmicas (Araújo, 1996; Bezerra, 2001) mostram que, devido a sua alta frequência, a estratégia de avaliar pode ser encarada como o traço caracterizador desse gênero. Nossa pesquisa, porém, permitiu entender que nem sempre essa característica foi tão proeminente. No início de sua circulação na área de Letras e Linguística, por exemplo, as avaliações gerais da obra foram veiculadas em 6 textos da Fase 1, isto é, em 40% dos casos. A geração seguinte mostra a permanência dessa subunidade em 13 exemplares, equivalente a atualização em 86% das resenhas desse período, o que revela que a avaliação passou a ser prototípica a partir da Fase 2. Na Fase 3, apesar de um evidente decréscimo em relação à fase anterior, ainda percebemos uma alta ocorrência, já que constatamos a presença em 11 textos, atingindo a frequência de 73%.

Dentre os elementos que se configuraram como tradições discursivas dessa subunidade, destacamos a incidência de alguns termos de elogio e de crítica. Motta-Roth (1995) já havia apontado que essas unidades linguísticas aparecem com frequência na tessitura do gênero. Nossa pesquisa endossa essa visão, conforme atestam os exemplos a seguir.

(Exemplo 25)

No nosso caso, é bastante e realmente lamentável que o livro não conte haja bastantes “ilustrações”. (R12_1963 – Fase 1)

(Exemplo 26)

O que mais impressiona, sem dúvida, na obra do professor Bahamani, é o esforço por ser claro e exaustivo. A clareza aparece testemunhada na apresentação impecável dos quatro volumes, na organização do conteúdo de cada volume. (R25_1991 – Fase 2)

Esses índices reiteram que há um crescimento em relação à primeira ge-

ração, já que a avaliação, nas primeiras manifestações desse gênero, não era uma característica prototípica como podemos perceber a partir dos períodos seguintes.

A recorrência desses itens atesta a nossa observação de que a avaliação geral da obra é detentora de algumas especificidades. Esse movimento apreciativo em direção ao plano estrutural, no entanto, nem sempre diz respeito ao enaltecimento do trabalho. Conforme já adiantamos anteriormente, essa subunidade se refere tanto ao levantamento de aspectos relevantes da obra quanto à exposição de suas fragilidades, tendo em vista que a avaliação também pode ser negativa, como ilustramos com o próximo exemplo.

(Exemplo 27)

Infelizmente, o livro não faz (nem pretende fazer, creio) uma análise mais detalhada e demorada dos tratamentos alternativos dos grupos de fenômenos. Ou seja, o quadro apresentado é bastante superficial. (R30_2000 – Fase 2)

Sendo assim, consideramos que essa subunidade é a mais propícia para que o resenhista expresse sua subjetividade e sua voz autoral. Diferentemente de alguns elementos composticionais das Unidades 1 e 2, em que há uma maior dependência e remissão ao discurso do autor da obra, verificamos nesse movimento retórico a atitude do enunciador ao sublinhar pontos positivos e/ou negativos da obra conforme sua percepção.

No que diz respeito à *Subunidade 13 – Provendo avaliação direcionada*, em nosso estudo, distinguimos dois tipos de avaliação. No que concerne à avaliação direcionada, percebemos que ela é uma subunidade mais típica na Fase 1 do que a avaliação geral. Sua incidência, nesse período, foi detectada em 9 exemplares, que somam 60% de frequência. Na Fase 2 acontece o inverso, já que a apreciação focalizada em um dado aspecto foi recorrente em 6 textos, ou seja, esteve presente em 40% das resenhas acadêmicas coletadas, número inferior ao da crítica a estrutura global da publicação. Essa característica se preserva na terceira fase, sendo detectada em 7 textos, totalizando 46% das ocorrências. Vejamos alguns exemplos:

(Exemplo 28)

Não é correto, pelo que nos parece, dizer que as palavras terminando em: -cia e -già fazem o plural em: -ce e -ge quando o i é átono, mas sim quando -cia e -già são precedidos por vogais. (R05_1958 – Fase 1)

(Exemplo 29)

O Autor foi particularmente feliz na segunda parte, justamente a mais importante. (R21_1982 – Fase 2)

Entendemos que essas especificidades que delimitam o foco da crítica são pertinentes e expressivas o bastante para sustentar a interpretação de que a avaliação direcionada constitui-se como uma subunidade particular, embora mantenha uma estreita relação com a apreciação geral do trabalho. Essas similaridades, no entanto, são justificáveis na medida em que estamos nos referindo uma mesma ação retórica, embora atendendo a intuitos discursivos particulares. Nesse caso, a finalidade comunicativa de avaliar se atualiza por meio de diferentes focos avaliativos – seja apreciando o livro como um todo, suas partes específicas ou dando sugestões para que a obra possa ser aprimorada.

Na *Subunidade 14 – Sugerindo aperfeiçoamento*, o resenhista, ao enxergar pontos que precisam ser revisados na obra, manifesta sua postura avaliativa ao fornecer sugestões de aperfeiçoamento. Essa estratégia, retomada do modelo de Araújo (1996), não encontra equivalente em protótipos de outros autores e, mesmo na pesquisa dessa autora, foi veiculada apenas em 18% dos casos. Apesar disso, identificamos e incluímos esse componente retórico na estrutura composicional das resenhas da área de Letras e Linguística e o analisamos ressaltando os índices percentuais nos quais ele aparece, haja vista que o detectamos em sete exemplares (46%) da Fase 1, cinco textos (33%) da Fase 2 e em três (20%) da Fase 3.

Esses valores revelam que, na diacronia dessa subunidade, há um declínio no número de ocorrências, pois, em cada geração, ela tem sido difundida em índices cada vez mais baixos. Essa gradativa diminuição, possivelmente, deve-se ao fato de que os interlocutores que interagem por meio desse gênero, nas Fases 1 e 2, têm preferido enfatizar outros elementos compostoriais de natureza avaliativa, como as subunidades 12 e 13. Apesar desse decrescimento, as porções textuais que expressam propostas para o melhoramento da obra contribuem para a avaliação do material acadêmico de forma pontual, bem como mostra a preocupação do resenhista com a produção científica da área, sugerindo características a serem reformuladas. A presença dessa subunidade, aliás, reforça a visão de que os objetivos sociais das resenhas não dizem respeito apenas à descrição e recomendação de uma obra. Através de sugestões, o resenhista colabora com o desenvolvimento dos estudos da linguagem a partir de críticas construtivas, que visam o aperfeiçoamento do trabalho.

(Exemplo 30)

Deveria o A. tratar também da categoria de número, e não seria menos-prezível abicar a origem da concordância. (R02_1954 – Fase 1)

(Exemplo 31)

Nesta segunda obra, entretanto, parece-nos que o autor teria sido mais fiel à evolução normal da aquisição idiomática, se tivesse apresentado o material sob as formas já mencionadas, a partir do diálogo, que é a forma primeira de apresentação dos padrões lingüísticos e que os alunos vêm praticando, desde o início de sua atividade. (R19_1980 – Fase 2)

Embora a dimensão avaliativa das resenhas possa ser percebida de forma fragmentada em outras subunidades, na *Unidade 3*, ela se desenvolve de forma mais precisa, seja analisando o plano global ou as partes específicas da obra. Isso pôde ser percebido a partir das particularidades de cada elemento composicional. Nesta subunidade, mostramos o quanto as críticas contribuem com o trabalho resenhado por meio da formulação de sugestões que visam o seu aperfeiçoamento, configurando-se como uma ação retórica essencialmente avaliativa. Essa postura analítica, aliás, se revela, ainda, nos componentes do último movimento retórico que identificamos.

7 Unidade 4 – Provendo um parecer final

A *Unidade 4 - Provendo um parecer final* é composta de apenas duas subunidades retóricas, ambas concernentes a uma (não) aprovação da obra. Seja no tocante a recomendação/desqualificação ou a realização de votos que outras publicações da área venham à tona, o resenhista emite seu parecer sobre a relevância do trabalho que é examinado. A *Subunidade 15 – Recomendando ou desqualificando a obra* é frequente nas três gerações e já havia sido apontada pelos estudos de Motta-Roth (1995), Araújo (1996) e Bezerra (2001).

Essa subunidade se manifestou em 5, 10 e 14 exemplares, respectivamente. Em índices percentuais, ela apareceu em 33% dos textos que compõem a Fase 1, em 66% dos exemplares da Fase 2, e em 93% das resenhas acadêmicas coletadas para a Fase 3. Esse aumento mostra uma elevação na relevância desse elemento composicional, uma vez que nos baseamos no pressuposto de que o gênero reflete características das situações sociais que o engendram. Portanto, a ação retórica de (não) recomendar o trabalho parece ser mais significativa nos exemplares recentes, como evidencia esse continuum.

Na primeira geração, quatro exemplares (80%) apresentaram recomendação da obra, enquanto apenas um exemplar (20%) do *corpus* mostrou um caso de desqualificação. Na segunda geração, a aprovação se manifestou em 100% dos casos. Já na terceira fase, os casos de recomendação, presentes em 12 exemplares, perfazem 85% de aprovação. A desqualificação do livro ocorreu em uma frequência menor, de 14% das resenhas.

(Exemplo 32)

Abundância de verbetes, opulencia de documentação, originalidade referente à cronologia vocabular, excelênciа de numerosíssimos verbetes (Brasil, fidalgo, laranja, tagarela, tufão, etc.) — são os principais predicados dêste novo dicionário etimológico de consulta obrigatória, indispensável, e que prestará enormes serviços à Filologia portuguêsa e à românica. (R07_1959 – Fase 1)

(Exemplo 33)

A leitura do livro Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável, organizado por Paula e Stafizza é indispensável a todos que desejam compreender os tensos caminhos da recepção do Círculo de Bakhtin, seus impasses e avanços, acompanhar as argumentações desenvolvidas sobre a escritura das obras do Círculo. (R41_2011 – Fase 3)

Há também os casos de não recomendação da obra, como em:

(Exemplo 34)

Mas para resumir: o livro de Erwin Theodor representa sem dúvida uma tentativa primeira que merece o nosso reconhecimento e o nosso agradecimento, mas que, infelizmente, ainda está incompleta demais para realmente resolver o problema, isto quer dizer, para oferecer, aos nossos estudiosos mais especializados, um instrumento definitivo e suficiente. (R12_1963 – Fase 1)

(Exemplo 35)

A conclusão é um tanto triste: uma iniciativa louvável da editora acabou sendo inutilizada por uma escolha infeliz, e o menos que se pode dizer é que a lacuna continua tão séria quanto antes – ou talvez mais, pois desse tipo de lacuna se pode dizer que antes em branco do que mal preenchida. (R34_2004 – Fase 3)

Motta-Roth (1995) e Bezerra (2001), ao apontarem os componentes do último movimento retórico, propõem que a Recomendação/desqualificação da obra pode se desdobrar em outra subunidade, a saber: Recomendando a obra apesar de indicar limitações. Nossos dados mostraram que essa distinção seria pouco

produtiva, haja vista que identificamos casos como esses apenas em um exemplar da Fase 1, dois da Fase 2 e em nenhum da Fase 3. Por estarem sempre acompanhadas da recomendação, as restrições apontadas a respeito da obra não detêm estabilidade suficiente para a distingui-las da *Subunidade 15*.

Na segunda e terceira geração, essa é a subunidade que tradicionalmente conclui a resenha. A ideia de que o livro é válido (ou não), expressões que sugerem fechamento, exposição das limitações da obra e a recomendação final, portanto, têm atuado como um componente importante da estrutura genérica das resenhas acadêmicas. No entanto, conforme adiantamos, na primeira geração constatamos uma outra subunidade que, embora tenha sido relevante na época em que circulou, foi sendo diluída diacronicamente até ser completamente apagada.

Estamos falando da *Subunidade 16 – Fazendo votos de publicações futuras*. Essa partícula composicional nos chama atenção, pois, apesar de não ter sido catalogada em outras pesquisas sobre esse gênero, configura-se como um elemento tradicional típico da primeira fase. Esse componente se materializa por meio de um enunciado curto em que o resenhista expressa o desejo de que os trabalhos do autor da obra sejam frutíferos e tenham continuidade. Esses votos são expressos, provavelmente, como forma de fornecer um incentivo pessoal e acadêmico para que as publicações desse campo de estudos não sejam interrompidas e que os estudiosos da linguagem continuem dando contribuições para a área.

É oportuno lembrar que o período entre 1953 e 1970 foi marcado, entre outros fatores, pelo escasso apoio financeiro, pela dificuldade de encontrar material da área e, principalmente, pela falta de recursos humanos habilitados para produzir conhecimento e formar outros pesquisadores das subáreas da Linguística. Como sabemos que o gênero reflete as características e as demandas de seu contexto sócio-histórico, acreditamos que a recorrência dessa subunidade em 7 exemplares, isto é, em 46% dos dados da primeira geração, em contraste com a presença em um único texto (6%) da segunda fase e em nenhum da terceira pode mostrar como as especificidades do período histórico em que as resenhas foram veiculadas exerce influência em sua organização retórica. Observamos uma representação do resenhista como membro preocupado que os estudos de sua área sigam em franco desenvolvimento. Alguns exemplos retratados abaixo podem nos revelar como essa postura do enunciador se manifestava textualmente:

(Exemplo 36)

Fazemos votos que a nova revista se constitua um fator de progresso dos estudos lingüísticos no Brasil e que, para isso, tenha longa vida, o que bem lhe pode garantir a instituição que a publica. (R01_1953 – Fase 1)

(Exemplo 37)

Ansiosamente aguardamos que o Prof. Theodoro Henrique Maurer Jr. traga a lume o trabalho que anuncia no prefácio desta obra. Será, não há dúvida, um utilíssimo complemento sobretudo à Gramática do Latim Vulgar que, mui perfunctóriamente e sem pretensão de espécie alguma, tivemos a honra de comentar, apresentando-a aos leitores da revista Letras. (R09_1961 – Fase 1)

Nesses casos, percebe-se um certo ativismo e uma avidez dos enunciadores para que os estudos linguísticos sejam brindados com publicações futuras. Esses trabalhos que estão por vir, portanto, são esperados pelo resenhista – como representante da comunidade discursiva – na medida em que podem contribuir positivamente para a área.

Na segunda geração, em que o entorno enunciativo do gênero remetia a uma época com maior investimento na formação de mestres e doutores em Linguística e uma maior produtividade acadêmica, observamos o esvaecimento da *Subunidade 16*. No único evento em que a identificamos, compreendemos que esse artifício retórico não se tratava, necessariamente, de um comentário direcionado ao autor de uma dada publicação, mas da manifestação de um desejo que outros estudos sobre línguas tomem por base o modelo funcionalista:

(Exemplo 38)

Lamentando mais uma vez o nosso desconhecimento do árabe [...] não podemos deixar de afirmar, como conclusão, que este volumoso, porém, preciso e transparente texto constitui mais uma prova de simplicidade, exaustividade e coerência com que se pode aplicar o modelo funcionalista à descrição das mais variadas línguas do mundo. Resta-nos, pois, esperar que este exemplo seja seguido na descrição científica de outros idiomas do planeta, para benefício, sobretudo, dos que desejam aprender essas línguas de um modo objetivo e realista. (R25_1991 – Fase 2)

Nesse único exemplar da Fase 2, os votos de publicação futura se manifestam como sugestões de aplicação do modelo funcionalista de descrição linguística a línguas que ainda não haviam sido analisadas por esse quadro teórico-metodológico. Essa ocorrência, embora seja pouco funcional e não possa ser considerada como uma subunidade retórica tradicional da segunda geração, é

relevante para nos mostrar que, mesmo em um gênero que circula há menos de um século em uma dada comunidade discursiva, podemos encontrar elementos que, tal como afirma Miller (1984), mudam, evoluem e decaem. Esse apagamento, igualmente evidenciado na terceira geração, reitera e valida o pressuposto teórico assumido neste trabalho de que o gênero mantém uma estreita relação com o contexto sócio-histórico em que circula.

Comprova-se, com isso, uma série de mudanças e permanências na estrutura composicional das resenhas acadêmicas de Linguística. As tradições de cada fase histórica revelam especificidades nos índices percentuais em que cada subunidade aparece, nos itens lexicais que sinalizam cada componente retórico e nas estratégias argumentativas que estão subjacentes a mobilização de cada um deles.

Em termos de apagamento diacrônico, examinamos que a Subunidade 16, típica da Fase 1, não revela traços de permanência. Itens como a *Subunidade 3 – Informando sobre a autoria* e a *Subunidade 14 – Apresentando sugestões para aperfeiçoamento*, embora recorrentes em todas as fases, também evidenciam um continuum decrescente, já que apresentam índices percentuais que diminuem gradativamente a cada período geracional. Por outro lado, em outros componentes, como são os casos da *Subunidade 8 – Apresentando os tópicos da obra*; *Subunidade 9 – Discutindo o conteúdo da obra* e *Subunidade 15 – Recomendando ou desqualificando o livro*, percebemos que cada geração revela uma frequência maior desses elementos retóricos, sugerindo que sua relevância social tem aumentado no mesmo passo em que sua atualização linguística se torna mais frequente.

Nenhum elemento composicional apresentou uma frequência inalterável de acordo com a passagem de tempo, o que reforça a visão de que, mesmo que boa parte das subunidades retóricas que compõem as resenhas acadêmicas tenha deixado vestígios de sua existência nas gerações posteriores, a regularidade com que aparecem apresenta tanto marcas de mudanças quanto de permanências. Nossa análise da estrutura genérica objetivou deixar isso claro.

Encaminhando a conclusão

Para esta investigação, partimos do pressuposto de que a mutabilidade é uma característica intrínseca aos gêneros textuais. Norteando-nos por este postulado, sabemos que as resenhas acadêmicas, como qualquer outro gênero,

apresentam marcas de reelaboração e procuramos analisar quais de seus traços se conservaram e quais se modificaram diacronicamente. Procedemos assim a uma análise contrastiva, já que traçamos um paralelo entre os atributos de exemplares antigos e atuais de nosso objeto.

Analisamos a organização textual e identificamos que as resenhas acadêmicas apresentam 4 unidades retóricas que estiveram presentes nas três fases, embora algumas apresentem frequência divergente. As unidades identificadas foram as seguintes: 1) Introduzindo a obra; 2) Sumariando o conteúdo; 3) Avaliando a obra; e 4) Provendo um parecer final. Cada unidade é composta por uma série de subunidades que a realizam e nem todas estiveram presentes em todas as gerações. Ao todo, categorizamos 16 subunidades retóricas que veiculam conteúdos e ações retóricas diferentes e são mais ou menos típicas entre cada geração.

Como analisamos uma quantidade específica de textos e reconhecemos a impossibilidade de empreender um estudo com todas as resenhas acadêmicas já produzidas, reiteramos que os resultados foram generalizados através do raciocínio indutivo. Assim, a partir da constatação dos dados em um número delimitado de exemplares, concluímos, indutivamente, quais características encontradas na amostra se apresentam como mais ou menos típicas do gênero analisado. Portanto, após conhecermos as peculiaridades das resenhas em diversas fases temporais, realizamos uma análise cronológica de suas mudanças e permanências. Esse método permitiu-nos, ainda, chegar a conclusões que não puderam ser antecipadas pelo pressuposto de que os gêneros são mutáveis, ou seja, nos fez concluir quais foram as características que se transformaram diacronicamente. Nessa perspectiva, consideramos que é possível compreender melhor a natureza das resenhas acadêmicas de hoje se entendermos que seus constituintes não são aleatórios, mas motivados historicamente.

Acreditamos que este estudo trouxe à tona o reconhecimento das conjunturas históricas e sociais que têm engendrado as resenhas acadêmicas da área de Letras e Linguística. Além disso, tentamos mostrar como esse entorno influenciou determinados aspectos do objeto de estudo, ressaltando as características das situações retóricas que o tipificam. Nossa pesquisa revelou, ainda, uma série de transformações evidenciadas no âmbito de cada categoria de análise, mostrando que alguns dos aspectos característicos do gênero em gerações anteriores nem sempre correspondem aos que fazem parte de seu escopo atual. Por outro lado, também evidenciamos que aspectos hoje concebidos como tra-

dicionais são resultado de uma construção diacrônica e, por isso, não são aleatórias, mas historicamente motivadas.

Esperamos ter contribuído para realização de mais um estudo de natureza sócio-histórica e que essa contribuição possa colaborar dando alguns direcionamentos para pesquisas posteriores. Acreditamos, assim ter suscitado novas formas de pensar os gêneros textuais de modo a motivar futuras pesquisas que se proponham a solucionar problemas que ficaram aqui sem resposta. Nesse contínuo fazer acadêmico, acreditamos que os estudiosos interessados em estudar qualquer gênero encontrarão um terreno profícuo, com possibilidades ilimitadas de contribuir com questões que nos causam inquietação e entusiasmo.

Referências

- ARAÚJO, A. D. **Lexical signalling**: a study of unspecific-nouns in book reviews. 1996. 274 f. Tese (Doutorado em Letras-Inglês) – Programa de Pós-Graduação em Letras-Inglês, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- BEZERRA, B. G. **A distribuição das informações em resenhas acadêmicas**. 2001. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.
- BIASI-RODRIGUES, B. **Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações**. 1998. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- CASTILHO, A. A reforma nos cursos de Letras. **Alfa**, Araraquara. v. 3, p. 5-44. 1968.
- COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história**. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1979.
- COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- KABATEK, J. Sobre a historicidade dos textos. **Linha d'água**, n. 17, p. 159-170, abr. 2005.
- MILLER, C. Genre as social action. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (ed.) **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1984. p. 23-42.
- MOTTA-ROTH, D. **Rhetorical features and disciplinary cultures**: a genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics. 1995. 365 f. Tese (Doutorado em Letras-Inglês) – Programa de Pós-Graduação em Letras-Inglês, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.
- SWALES, J. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- ZAVAM, A. **Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva**: um estudo com editoriais de jornais. 2009. 420 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

Sobre o autor e a autora

Jorge Luis Queiroz Carvalho - Doutor e mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Pesquisa Tradições Discursivas do Ceará (TRADICE/UFC) e do Grupo de Pesquisa em Linguística e Literatura (GPELL/UERN). E-mail: jorgecarvalho@uern.br. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0974668938754479>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5796-6656>.

Aurea Zavam - Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professora da Universidade Federal do Ceará. Líder do Grupo de Pesquisa Tradições Discursivas do Ceará (TRADICE/UFC) e membro dos grupos de pesquisa Historicidade dos Textos e Ensino de Língua (HISTEL) e PROTEXTO (UFC). E-mail: aurea@ufc.br. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9339069550299151>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1645-3330>.